

TERRORISMO E CONTRATERRORISMO: desafio do século XXI¹

2º Of. Int. Álisson Campos Raposo
Abin

Introdução

Dois fatos, historicamente recentes, motivaram profundas mudanças nas relações internacionais contemporâneas: a queda do Muro de Berlim, em 9 de novembro de 1989; e os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001. O 9 de novembro marcou o descortinamento de metade do planeta. O 11 de setembro, o erguimento de uma muralha invisível entre os povos que, acreditávamos, estivesse destruída (FRIEDMAN, 2005).

A palavra “terrorismo” deriva do latim *terror*, que significa medo ou horror. Trata-se de termo usado para designar um fenômeno político, de longa data, cuja finalidade é aniquilar ou atemorizar rivais mediante o uso de violência, terror e morte de pessoas inocentes. Sem modificar sua essência, o terrorismo exhibe, na atualidade, cinco aspectos que o distinguem de épocas anteriores: o caráter transnacional; o embasamento religioso e nacionalista; o uso de terroristas suicidas; a alta letalidade dos ataques; e a orientação anti-ocidental, sobretudo nos grupos fundamentalistas² islâmicos. Essas características nos remetem a uma nova modalidade, que poderia ser chamada de neoterrorismo (WITCKER, 2005).

¹ Esse artigo é síntese de monografia apresentada pelo autor no Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia (CAEPE-2006) da Escola Superior de Guerra (ESG), disponível na Coordenação-Geral de Documentação e Informação/SEPC/ABIN.

² Os primeiros a utilizarem o termo “fundamentalistas” foram os protestantes norte-americanos do início do século XX, para distinguir-se de protestantes mais liberais que, em sua opinião, distorciam a fé cristã. Queriam, assim, voltar às suas raízes e ressaltar o “fundamental” da tradição cristã, identificada como a interpretação literal das Escrituras e a aceitação de certas doutrinas básicas. Desde então, aplica-se a palavra “fundamentalismo” a movimentos reformadores de outras religiões.

Os atentados da Al-Qaeda, em 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos da América (EUA), são o divisor de águas desse novo ciclo. Desde então, houve ataques às cidades de Madri, na Espanha; Bali, na Indonésia; e Londres, na Inglaterra, entre outras, com grande número de vítimas. A metodologia, a estratégia e os meios utilizados por terroristas são variados e imprevisíveis. Hoje, há recursos mais poderosos e de acesso mais fácil do que os utilizados no passado. As variantes suicidas dos terroristas e o possível uso de armas de destruição em massa (ADM) mostram o quão vulneráveis são os Estados a toda sorte de ataques. Faz-se urgente a criação de mecanismos que, efetivamente, os contenham.

Considerações Gerais

Não há uma definição de terrorismo que seja aceita por toda a comunidade internacional. Há diversas acepções, que variam conforme o propósito das ações e o entendimento sobre o tema. Em comum, esses conceitos apresentam o uso da violência com motivação política, que os difere das ações unicamente criminosas, motivadas por lucro ou por desvios de comportamento (RAMOS JR., 2003). Essa violência se realiza no âmbito psicológico dos indivíduos e objetiva destruir o moral de suas vítimas. Seu efeito é o terror, isto é, um pavor incontrolável.

Freqüentemente, a expressão “terrorismo” é utilizada para definir qualquer tipo de ação violenta, de caráter físico ou psicológico e de natureza “radical”, “fanática” ou “extrema”. Verifica-se, no cotidiano, que rotular um ato ou pessoa como terrorista depende, também, de quem sofre ou pratica a ação.

Terrorismo, portanto, pode ser definido como o uso intencional – ou ameaça de uso – de violência por um grupo político organizado contra “populações não-combatentes”³, de forma a se alcançar objetivos político-ideológicos.

³ Por “populações não-combatentes” devem ser entendidos tanto os civis quanto os militares não engajados em qualquer tipo de guerra, os participantes de missões internacionais de paz ou aqueles lotados no exterior, em lugares onde não existam hostilidades entre o governo anfitrião e o hóspede.

Um ato terrorista pode ser caracterizado, identificando-se a presença de algumas peculiaridades: a natureza indiscriminada; a imprevisibilidade e arbitrariedade; a gravidade de suas consequências; e o caráter amoral e de anomia (WOLOSZYN, 2006).

Sob outro viés, não se percebe a diferença entre as vítimas do terrorismo, aspecto, também, importante para seu entendimento. Podem-se distinguir três tipos:

- a **vítima tática** - é a vítima direta circunstancial – o morto, o mutilado, o seqüestrado – aquele que sofre em si a violência do atentado. Esta pode ter sido escolhida por alguma característica ou ser apenas um alvo aleatório, indiscriminado;

- a **vítima estratégica** - são todos aqueles que sobrevivem ao atentado, mas encontram-se no grupo de risco dos vitimados. Imaginam-se alvos potenciais de um próximo ataque, tornando-se presas do pânico; e

- a **vítima política** - é o Estado. A estrutura que deveria garantir a vida dos seus cidadãos mostra-se impotente ante um inimigo oculto e inesperado.

Considerando-se que o objetivo do terrorismo é provocar pânico, sua vítima preferencial não é a vítima tática, aquela que perde a vida no atentado, por uma questão inequívoca: os mortos não temem. As vítimas buscadas pelo terrorismo são, portanto, aquelas que sobrevivem e se sentem indefesas ante a vontade do terrorista. O fundamento do terror, portanto, não é morte ou aniquilamento, mas a sensação de vulnerabilidade, impotência e desamparo ante o atentado (SAINT-PIERRE, 2005).

O combate ao terrorismo possui duas grandes vertentes: o antiterrorismo e o contraterrorismo. O antiterrorismo compreende medidas eminentemente defensivas, que objetivam a redução das vulnerabilidades aos atentados. O contraterrorismo abrange medidas ofensivas, tendo como alvo os diversos grupos identificados, a fim de prevenir, dissuadir, ou retaliar seus atos (PINHEIRO, 2004). Contudo, a forma como um governo reage às ameaças a suas instituições e a sua população deve estar alinhada aos valores

que se busca proteger e preservar. Estes não podem ser sacrificados em nome de uma “guerra santa” contra o terrorismo (PONTES, 1999).

Arqueologia do terrorismo

O terrorismo não é um fenômeno exclusivo dos nossos dias. Sua história é secular, com numerosas variações de ideologia, estilo, escopo, proporções e violência. Há cerca de 2.500 anos, na imortalizada obra “A Arte da Guerra”, Sun Tzu apontava a essência do terrorismo: “Mate um; amedronte dez mil”.

O primeiro grupo terrorista que se tem registro data do ano seis da era cristã. Era formado por radicais judeus que se opunham à ocupação da Palestina pelo Império Romano. Chamava-se *Sicarii* e assassinava romanos e judeus colaboracionistas. O segundo, os *Nizarins*, surgiu onze séculos depois, no Oriente Médio (SOARES, 2001).

A palavra “terrorismo” surgiu para designar o período da Revolução Francesa conhecido como “Reino do Terror” (1793-1794), quando, sentenciadas por Robespierre, cerca de 17 mil pessoas foram guilhotinadas. Foram os jacobinos⁴ os primeiros a utilizar a violência de forma explícita. Surgia o “terrorismo de Estado”.

No século XIX, com o aperfeiçoamento das armas de fogo e explosivos, os atentados passaram a ter maior potencial destrutivo, e foram usados contra governos opressores. Segundo Pynchon e Burke (apud PONTES, 1999), no século XX, a União Soviética (URSS) tornou-se a principal provedora de organizações extremistas, como: as Brigadas Vermelhas, na Itália; a Facção do Exército Vermelho, na Alemanha; a Frente de Libertação de Moçambique; o Movimento da Esquerda Revolucionária, no Chile; e o Congresso Nacional Africano, na África do Sul.

⁴ Liderados por Robespierre, os jacobinos foram os mais radicais partidários da Revolução de 1789 que, apesar de liderarem a França apenas por um ano, entre 1793 e 1794, deixaram suas marcas sangüinárias. Foram apontados como o primeiro grupo revolucionário moderno, inspirador de uma série de outros movimentos, estendendo sua influência até aos bolcheviques russos de 1917.

Nas décadas de 1960 e 1970, o terrorismo contemporâneo – nacionalista, de extrema-esquerda, de Estado e de extrema-direita – teve seu maior desenvolvimento. Na passagem dos anos de 1980 para os de 1990, duas novas modalidades surgiram: o terrorismo “doméstico”, tipicamente norte-americano, e o terrorismo internacional, dos grupos fundamentalistas islâmicos. Este tem como objetivo lutar contra a expansão e a imposição dos valores – morais, sociais, econômicos e culturais – do mundo ocidental.

No mundo despolarizado, ressurgiram, de forma violenta, problemas étnico-religiosos latentes, em alguns casos, há séculos. Atoos terroristas, insurgências, instabilidades regionais e guerras civis passaram a povoar o noticiário internacional. O ódio decorrente da assimetria social entre os povos vem sendo explorado por grupos extremistas, como decorrência do chamado “Imperialismo Ocidental”.

Nos dois maiores atentados terroristas do início do século XXI – o ataque às torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York, em 2001, e a explosão de trens em Madri, em 2003 – as vítimas inocentes passaram a ser contadas às centenas. Só então, a opinião pública internacional despertou para o fato de que o terrorismo tornara-se uma ameaça real para todos.

A logística necessária à realização de ataques dessa monta tem um preço. As organizações terroristas não possuíam o *know-how* necessário à “lavagem do dinheiro”⁵ destinado ao financiamento de atentados e à infra-estrutura necessária. Trata-se de um “sistema econômico” internacional desenvolvido após a II Guerra Mundial, que culminou como surgimento da chamada “Nova Economia do Terror”, que movimentou, na década de 1990, um terço dos cerca de US\$ 1,5 trilhão movimentados, anualmente, por organizações criminosas em todo o mundo (NAPOLEONI, 2004).

⁵ A Lei nº 9.613/98 tipifica o crime de lavagem de dinheiro. Art. 1º: “Ocultar ou dissimular a natureza, origem, localização, disposição, movimentação ou propriedade de bens, direitos ou valores provenientes, direta ou indiretamente, de crime: I - de tráfico ilícito de substâncias entorpecentes ou drogas afins; II - de terrorismo e seu financiamento;...”

O novo cenário geopolítico no Pós-Guerra Fria determinou a redução dos fundos destinados por Estados a grupos terroristas. Após o 11 de setembro, diversos dispositivos legais bloquearam bens e dinheiro de patrocinadores e organizações terroristas. Assim, estas recorreram às atividades criminosas, o que resultou em alianças entre terrorismo e crime organizado. Esses acordos levaram ao intercâmbio de *know-how* específico, como: lavagem de dinheiro, produção de explosivos e contrabando. Hoje, esses grupos possuem características de ambos.

Na Colômbia, as Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia (Farc), entre outros, estão envolvidas em ações terroristas, sobretudo seqüestros e atentados à bomba. Estão, também, comprometidas com o narcotráfico.⁶

No Brasil, fatos recentes apontariam a introdução do *modus operandi* das Farc no País. Suas ações incluiriam o adestramento de líderes de movimentos sociais, além de bandidos do Primeiro Comando da Capital (PCC), de São Paulo, e do Comando Vermelho (CV), do Rio de Janeiro, para a consecução de seqüestros, crime que garante uma receita anual de US\$ 250 milhões para as Farc (VÍDEO mostra Farc..., 2005).

A onda de violência perpetrada pelo PCC em São Paulo, em 2006, que culminou com o seqüestro de repórter da Rede Globo de Televisão, evidencia aquela associação.

O terrorismo não está tipificado na legislação brasileira. Em março de 2007, o Gabinete de Segurança Institucional (GSI) da Presidência da República encaminhou ao Ministério da Justiça o anteprojeto da primeira lei brasileira contra o terrorismo e seu financiamento. Em seguida, a proposta seguirá à Casa Civil, que a encaminhará para votação no Congresso Nacional. Projetos de lei

⁶ No dia 21 de abril de 2001, em operação do Exército Colombiano contra as Farc, foi preso, após confronto armado, Luiz Fernando da Costa, vulgo "Fernandinho Beira-Mar", o maior narcotraficante brasileiro. Na ocasião, "Beira-Mar", responsável pela distribuição de 70% da cocaína vendida no Brasil, trocava 3,5 milhões de cartuchos e 3.000 fuzis AK-47 Kalashnikov, oriundos do Paraguai, por cocaína.

anteriores tiveram sua tramitação bloqueada por alguns parlamentares, que temem que essa tipificação seja, também, utilizada contra as ações de grupos, como o MST (ZANINI, 2006).

O que esperar no século XXI

• Terrorismo suicida

O terrorismo suicida pode ser visto, em princípio, como um gesto de paixão e fanatismo. Todavia, não se pode negar sua racionalidade, premeditação e cálculo, tanto para destruir quanto para aproveitar-se da mídia, sedenta de audiência. Este pode acontecer a qualquer hora, em qualquer parte, e mina qualquer forma eficaz de segurança preventiva. Homens-bomba⁷ continuarão a ser utilizados, por serem de baixo custo e causarem grandes danos materiais e poderoso efeito moral no inimigo mais poderoso, que está preparado apenas para a guerra convencional (LIMA, 2005).

Por meio da ação de Inteligência, autoridades britânicas frustraram, em 10 ago. 2006, planos de terroristas que explodiriam cerca de dez aviões com destino aos EUA. Os extremistas embarcariam nas aeronaves portando substâncias líquidas, imperceptíveis aos aparelhos de raios-x e que, combinadas, tornavam-se explosivos.

Os sectários do terrorismo suicida justificam o uso do terror contra todos os que são considerados inimigos do Islã, a começar por Israel – o “Pequeno Satã” – e pelos Estados Unidos da América (EUA) – o “Grande Satã”. Em segunda escala, vêm todos os “infiéis, corrompidos e decadentes” do mundo ocidental ou pró-ocidental (PONTES, 1999). Entre estes grupos radicais, estão a Brigada dos Mártires de Al Aqsa, o Hamas, o Jihad Islâmica, na Palestina; extremistas como o Hizballah, no Líbano; o Gama al Islamiyya, no Egito; e a Al Qaeda.

⁷ Homens, mulheres, crianças e, até mesmo, animais de carga já foram utilizados como “bombas vivas”.

• Terrorismo Cibernético – “Ciberterrorismo”

A infra-estrutura de informações está progressivamente sob ataque de “cibercriminosos”. O número, o custo e a sofisticação dos ataques estão crescendo a taxas alarmantes. Algumas formas infligem, também, uma crescente ameaça às pessoas e infra-estruturas nacionais críticas (SOFAER; GOODMAN, 2001).

Os grupos terroristas têm utilizado computadores, a fim de facilitar suas tradicionais formas de atuação. *Hackers* com motivações políticas ou religiosas – os chamados “hacktivistas” – são recrutados por extremistas. Nesse cenário, surge o terrorismo cibernético ou “ciberterrorismo”, modalidade de perpetrar o terror, entendida como ataques contra computadores e suas redes, informações armazenadas, serviços essenciais ou infra-estrutura – telecomunicações, sistema bancário, fornecimento de água e energia elétrica, usinas nucleares, refinarias de petróleo etc. – que impliquem pânico, mortes, acidentes, contaminação ambiental ou perdas econômicas.

Denúncias de uso da internet para fins ativistas pelo grupo Hamas, datam de 1996. Em 1999, sob a bandeira de defesa dos direitos humanos, a Legion of the Underground (LoU) declarou uma “ciberguerra” contra a China e o Iraque (VARGAS, 2001). Uma série de ataques chamados de “*Cyber Jihad*” foi deflagrada, entre 1999 e 2001, por *hackers* palestinos, contra alvos no governo e a infra-estrutura israelenses (VATIS, 2001). Especialistas confirmaram que o *worm W32. Blaster* contribuiu para o blecaute nos EUA e no Canadá, em 14 de agosto de 2003. Em outubro de 2006, *hackers* chineses “atacaram” o Bureau of Industry and Security dos EUA. O objetivo seria obter os logins dos usuários da agência, responsável pela infra-estrutura de Tecnologia da Informação (TI) do governo estadunidense.

O Brasil abriga cinco dos dez grupos de *hackers* mais ativos do mundo. O mais agressivo é o chamado “*Silver Lords*”⁸, com

⁸ O “*Silver Lords*” possui, também, membros paquistaneses.

1.172 invasões a *sites*, até agosto de 2004. Segundo estatísticas do Centro de Estudos, Resposta e Tratamento de Incidentes de Segurança do Brasil (Cert.BR)⁹, em 2006, foram reportados 197.892 incidentes de segurança no País, contra 68.000 em 2005, o que representa um acréscimo de 191% em um ano. Até março de 2007, 56.296 incidentes de segurança foram registrados.

Com a morosidade na atualização dos arcaicos dispositivos legais brasileiros e amparados pelo Princípio da Legalidade constitucional, os “cibercriminosos” permanecem atuando e se aperfeiçoando tecnologicamente, semeando um campo fértil para atos de ciberterrorismo contra a população e a infra-estrutura nacionais.

• Terrorismo Nuclear e Radioativo

Embora o terrorismo nuclear seja fonte de especulações e preocupação desde a década de 1970, o fim da Guerra Fria trouxe temores adicionais sobre a aquisição de ADM por atores não-governamentais.

O Dispositivo de Dispersão Radiológica (RDD, do Inglês), ou “bomba suja”¹⁰, é o artefato de mais fácil confecção e de ocorrência mais provável. O ataque a um reator nuclear, com a quebra de sua parede de contenção, provocaria a liberação de grande quantidade de radiação, contaminando uma área de vários quilômetros de raio. Todavia, o roubo de um artefato nuclear ou de material físsil, para a confecção de dispositivo nuclear, representa o risco mais mortal (BOLSHOV; ARUTYNYAN; PAVLOVSKY, 2002).

É sabido que as centrais nucleares são alvos de terroristas: em 3 julho de 2001, Ahmed Ressam, um argelino pertencente à Al Qaeda, revelou à Justiça que as centrais nucleares são alvos potenciais do grupo. Em junho de 2003, o FBI desmantelou um campo de treinamento de ativistas, situado a 30 km da Central Nuclear

⁹ O Cert.BR é o órgão que monitora os incidentes na internet brasileira. É coordenado pelo Comitê Gestor da Internet do Brasil e formado por membros do governo, sociedade civil e meio acadêmico.

¹⁰ Bombas sujas são artefatos explosivos convencionais utilizados para espalhar material radioativo, a fim de provocar contaminação e pânico generalizados.

de Three Mile Island, EUA. Se, nos ataques de 11 de setembro de 2001, uma das 104 instalações nucleares dos EUA fosse atingida, os efeitos seriam devastadores. Além da liberação dos produtos primários de fissão nuclear para a atmosfera, haveria exposição ambiental aos efeitos do Plutônio-239, elemento com meia-vida¹¹ superior a 240 séculos (MARQUES, 2001).

Estima-se que haja cerca de 30 mil armas nucleares em todo o mundo. É improvável que um Estado as forneça, intencionalmente, a terroristas. Todavia, militares ou cientistas, por razões ideológicas ou financeiras, podem fazê-lo. Os países da antiga URSS são uma preocupação em particular, devido às grandes quantidades de material nuclear que possuem, em condições duvidosas (BOLSHOV; ARUTYUNYAN; PAVLOVSKY, 2002).

Mesmo materiais nucleares descartados – o chamado lixo atômico – são valiosos para a fabricação de uma “bomba suja”. Estes estão disponíveis, para grande número de aplicações, nos setores civil e militar. As chamadas fontes radioativas são largamente utilizadas na medicina, por exemplo, mas menos protegidas do que materiais destinados à produção de armas. São, conseqüentemente, mais vulneráveis a grupos terroristas. Essa disponibilidade faz da “bomba suja” o tipo mais acessível de arma nuclear, uma vez que esse artefato pode ser tão simples quanto uma fonte radioterápica colocada em um explosivo convencional.

- **Bioterrorismo**

Os primeiros registros do uso de agentes infecciosos como armas não são recentes e seu emprego como estratégia terrorista data de alguns anos. Em uso recente, ataques ocorridos de 22 de setembro a 21 de novembro de 2001 utilizando o serviço postal estadunidense para o envio de cartas contendo esporos do *Bacillus anthracis* provocaram cinco mortes e 22 outras vítimas não-fatais (HOWITT; PANGI, 2003).

¹¹ Chama-se meia-vida o período necessário para o decaimento de 50% da radioatividade de um isótopo. É necessário um período equivalente a dez meias-vidas para que o isótopo seja considerado inerte.

O *Bacillus anthracis*, o vírus da varíola, a *Yersinia pestis*, a toxina do *Clostridium botulinum*, a *Francisella tularensis*, o vírus ebola e o vírus Marburg estão classificados como *Category A – Highest Priority* pelo U.S. Centers for Disease Control and Prevention (CDC) e considera-se de uso potencial por terroristas. Sergey V. Netesov (2002), da Academia Russa de Ciências, considera que os membros do CDC deveriam ter elencado, nessa lista, o vírus da hepatite A, que causa uma grave enfermidade, é facilmente transmitido por meio oral e mais de 60% da população dos EUA e Europa Ocidental perderam a imunidade à doença. No Brasil, a vacinação é opcional.

A natureza imprevisível do terrorismo não permite que se desconsidere a possibilidade de um ataque utilizando-se armas biológicas. No Brasil, um cenário verossímil seria o da chegada de um ou mais indivíduos infectados em um ato de bioterrorismo ainda não detectado, ocorrido em um aeroporto estadunidense ou europeu. Mesmo um único indivíduo, no período de incubação, transmitiria a doença a muitas pessoas, como ocorrido na Iugoslávia, em 1972¹². Se esse indivíduo for um terrorista, infectado intencionalmente, o número de atingidos seria multiplicado.

Considerando-se o alto risco que a manipulação de microorganismos classificados como *Category A* pelo CDC traria aos próprios terroristas e a necessidade de um laboratório de alto nível de biossegurança para seu manejo, é provável que os terroristas usem patógenos mais comuns, como a salmonela e o rotavírus ou os causadores de hepatite A, difteria, cólera, influenza – e suas variações – ou hidrofobia, de manuseio, acesso e dispersão bem mais simples (NETESOV, 2002).

Uma variação do bioterrorismo, em que o interesse comercial é o pano de fundo, é o “agroterrorismo”. Nessa variante, os alvos são plantações e rebanhos diversos, onde são introduzidas

¹² Em 1972, um peregrino retornou de Meca para a então Iugoslávia com febre. Nas quatro semanas seguintes, 150 pessoas adoeceram por todo o mundo. Chegou-se, então, ao diagnóstico de varíola.

pragas e doenças, a fim de dizimá-los ou criar embargos a sua exportação. O Brasil está exposto a quatro doenças na área vegetal: monília do cacaueteiro, besouro asiático, ácaro do arroz e cochonilha rosada. Na área animal, são riscos para o País: a febre aftosa, a “vaca louca”, e a “gripe aviária”.

• Armas Químicas

Assim como as armas biológicas e radioativas, as armas químicas são imperceptíveis aos sentidos humanos e matam indiscriminadamente. Produtos químicos estão presentes na moderna sociedade industrial e são, portanto, mais acessíveis a terroristas do que materiais biológicos ou físicos. Devido às barreiras técnicas e aos riscos envolvidos na síntese de agentes de grau militar, a obtenção de produtos utilizados nas indústrias químicas é a forma usual. Apesar de serem centenas de vezes menos letais do que os primeiros, esses produtos podem ser potencializados e causar vítimas em massa, se forem liberados em um lugar fechado, como uma estação de metrô ou uma arena de esportes *indoor*.

A maior parte dos agentes químicos se enquadra em cinco amplas categorias, a saber: *blister*¹³, como o gás mostarda; nervosos, como o gás sarin e VX; asfixiante, como gás clorídrico e fogsênio; sangüíneos, como cianeto e ácido cianídrico; e incapacitantes. Os agentes químicos variam, ainda, em persistência e volatilidade. Os não-persistentes se dissipam em poucas horas e são ameaçadores, sobretudo, se inalados. Os persistentes continuam perigosos por até um mês se depositados sobre o solo, vegetação ou objetos e são uma ameaça à contaminação cutânea (TUCKER, 2002).

Devido ao extremo perigo associado ao manuseio e à disseminação de agentes que atingem o sistema nervoso, terroristas buscam desenvolver armas binárias¹⁴, que são mais seguras de

¹³ Os agentes tipo blister provocam bolhas e destruição do tecido epitelial, tais como as queimaduras, e podem provocar danos fatais ao sistema respiratório.

¹⁴ Em um sistema binário, dois ingredientes, pouco tóxicos enquanto estiverem isolados, são armazenados de forma separada e misturados momentos antes do uso, gerando um agente letal, como o gás sarin.

produzir, armazenar e transportar. Muito do que se sabe sobre o tema se deve às ações da seita japonesa *Aum Shinrikyo (Aleph)*, que realizou ataques com gás sarin em Matsumoto, em 1994, e no metrô de Tóquio, em 1995. Seu líder, *Shoko Asahara*, planejava deflagrar uma guerra entre os EUA e o Japão. Em 2007, o sinal de alerta foi ligado: seis bombas de gás cloro foram detonadas no Iraque, até março, matando dezenas de pessoas e contaminando centenas.

Uma nova geração de armas químicas está em desenvolvimento. O único agente de que se tem conhecimento é o perfluoroisobuteno (PFIB), que é uma substância extremamente tóxica, inodora e invisível, obtida quando o polímero teflon é submetido a calor extremo, sob condições especiais. Máscaras com carvão ativado e outros equipamentos de proteção não são efetivos contra o PFIB (CORDESMAN, 2002).

Antiterrorismo e Contraterrorismo

O combate ao terrorismo envolve mais atividades do que aquelas que, em primeira análise, ostentariam esse rótulo. Inclui uma política externa articulada com governos estrangeiros, agrupamento de Inteligências e trabalho investigativo. Envolve, ainda, medidas financeiras para interromper o financiamento aos terroristas e, algumas vezes, o uso de força armada (PILLAR, 2001). Independente das formas de combate adotadas, a integração e a coordenação entre estas são fundamentais.

Kofi Annan, ex-secretário-geral das Nações Unidas, propôs uma estratégia global de combate, a qual chama de “**cinco D**”, a saber: **Desencorajar** os grupos descontentes a adotarem o terrorismo como tática; **Denegar** aos terroristas os meios que necessitam para perpetrar atentados; **Dissuadir** os Estados de apoiarem os grupos terroristas; **Desenvolver** a capacidade dos Estados no domínio da prevenção do terrorismo; **Defender** os direitos humanos e o primado do Direito (ANNAN, 2006).

Considera-se que o Brasil tem-se empenhado na questão, embora seja necessário implementar políticas efetivas de prevenção e combate. O País participa do Comitê Interamericano Contra o Terrorismo, aderiu a 12 dos 13 acordos internacionais patrocinados pela ONU e cumpriu as 28 recomendações do Grupo de Ação Financeira Internacional Contra a Lavagem de Dinheiro (Gafi).

O *Country Reports on Terrorism 2005 – April 2006* do Departamento de Estado Norte-Americano apontou a fronteira Brasil–Colômbia, onde atuam as Farc, e a tríplice fronteira Brasil–Paraguai–Argentina, onde há suspeitos de oferecer suporte financeiro a grupos como Hizballah e Hamas, como regiões de regulação e controle deficientes quanto à atuação de células terroristas. O governo brasileiro reconhece a existência de comunidades muçulmanas na tríplice fronteira, mas nega que haja presença operacional de grupos extremistas islâmicos na região (ESTADOS UNIDOS, 2006).

A reunião e a análise dos dados de Inteligência é a forma menos visível, mas não menos importante de contraposição. A Inteligência é vista, em países como os EUA, como a “primeira linha de defesa” contra o terrorismo. Todavia, as informações mais específicas são raras e de difícil obtenção. Estas requerem a infiltração em grupos, que suspeitam de estranhos e não descuidam de sua segurança operacional. A maior parte das informações obtidas, portanto, é fragmentada, imprecisa e de credibilidade duvidosa. Sua análise é, em consequência, um desafio similar à busca. Nos ataques de 11 de setembro de 2001, apesar de os serviços de Inteligência estadunidenses possuírem indícios, não havia pessoas que pensassem de forma “doentia”, como Osama Bin Laden, a fim de prever e evitar aqueles atentados (FRIEDMAN, 2005).

A função da Inteligência não é fornecer quadros abrangentes sobre ações terroristas iminentes, mas um juízo estratégico sobre as maiores ameaças, que regiões estão mais vulneráveis e que tipos de alvos e táticas serão, provavelmente, utilizados. Estas informações são utilizadas no assessoramento a decisões, sendo essenciais ao funcionamento dos outros instrumentos de combate (PILLAR, 2001).

Conclusão

A evolução do terrorismo neste início de século nos mostra que as redes internacionais fundamentadas, principalmente, em ideologias religiosas, estão substituindo os terroristas tradicionais, cuja motivação principal é política. Os fundamentalistas islâmicos têm sido os principais atores na realização de ataques. Como a intolerância é patente nesses grupos, armas de destruição em massa – químicas, biológicas e nucleares – tendem a ser utilizadas, quando disponíveis, como forma assimétrica de combate ao “Grande Satã” e a seus aliados. Ações suicidas e cibernéticas, da mesma forma, se farão presentes. Para combatê-los, é preciso pensar como eles, o que é tarefa hercúlea para os ocidentais.

Assim sendo, a fim de preservar vidas inocentes, todos os Estados devem evitar ações que aumentem o sentimento de injustiça no mundo e que fomentem o ódio entre os povos, pois este é o principal “combustível” do terrorismo. O ódio deve ser combatido preventivamente pelos governos envolvidos, de forma integrada e coordenada, com atuação extensiva da Inteligência, da diplomacia e de órgãos fiscais, evitando animosidades e difundindo uma cultura de tolerância, pois, uma vez deflagrado o terror, extirpá-lo é trabalho difícil e demorado.

Referências bibliográficas

ANNAN, Kofi. **Uma estratégia mundial de combate ao terrorismo**. Disponível em: <<http://www.un.org/av/radio/portuguese/sgmadrid>>. Acesso em: 14 abr. 2006.

BOLSHOV, Leonid; ARUTYUNYAN, Rafael; PAVLOVSKY, Oleg. Radiological terrorism. In: WORKSHOP ON TERRORISM IN A HIGH-TECH SOCIETY AND MODERN METHODS FOR PREVENTION AND RESPONSE, 2001, Moscow, Russia. **High-impact terrorism: proceedings of a Russian-American workshop**. Washington, D.C.: National Academy Press, 2002. p.135-148.

CORDESMAN, Anthony H. (Org.). **Terrorism, asymmetric warfare, and weapons of mass destruction**. Westport, C.T.: Praeger Publishers, 2002.

ESTADOS UNIDOS. Department Of State. Office of the Coordinator for Counterterrorism. **Country reports on terrorism 2005**. Washington, D.C., april 2006. Disponível em: <<http://www.state.gov/s/ct/rls/crt/c17689.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2006.

FRIEDMAN, Thomas L. **O Mundo é plano: uma breve história do século XXI**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

HOWITT, Arnold M.; PANGI, Robyn L. **Countering terrorism: dimensions of preparedness**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2003.

LIMA, Raymundo de. O suicídio-espetáculo na sociedade do espetáculo. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, nº 44, jan. 2005. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/044/44lima.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2006.

MARQUES, Paulo. Considerações sobre a segurança atual das instalações nucleares. **Revista Uniandrade**, Curitiba, v.2, n.3, jul./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.uniandrade.br/publicacoes/revista/cientifica/MontaArtigo.asp?ID=137>>. Acesso em: 1 abr. 2006.

NAPOLEONI, Loretta. **Modern Jihad: tracing the dollars behind the terror networks**. London, Sterling, Va.: Pluto Press, 2004. 336 p.

NETESOV, Sergey V. Molecular epidemiology as a new approach in detecting terrorist use of infectious agents. In: WORKSHOP ON TERRORISM IN A HIGH-TECH SOCIETY AND MODERN METHODS FOR PREVENTION AND RESPONSE, 2001, Moscow, Russia. **High-impact terrorism: proceedings of a Russian-American workshop**. Washington, D.C.: National Academy Press, 2002. p.87-101.

PILLAR, Paul R. Os instrumentos do contraterrorismo. **Agenda da política externa dos EUA**, Washington, D.C., v. 6, n. 3, nov. 2001. Disponível em: <<http://usinfo.state.gov/journals/itps/1101/ijpp/ip110104.htm>>. Acesso em: 12 abr. 2006.

PINHEIRO, Álvaro de Souza. O Combate ao terrorismo: o antiterrorismo e o contraterrorismo. **Defesa@Net**, 22 mar. 2004. Disponível em: <<http://www.defesanet.com.br/noticia/terrorismo.htm>>. Acesso em: 21 abr. 2006.

PONTES, Marcos Rosas Degaut. **Terrorismo: características, tipologia e presença nas relações internacionais**. 1999. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade de Brasília, Brasília: 1999.

RAMOS JR., Antenor da Costa. **O terrorismo e a ameaça nuclear**. 2003. Monografia (Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia–CAEPE) - Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro, 2003.

SAINT-PIERRE, Héctor Luis. Em torno de uma definição de "terrorismo". **Portal Universia**, 8 jul. 2005. Disponível em: <<http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=4890>>. Acesso em: 25 abr. 2006.

SOARES, Jorge Armando Nery. O Terror como arma de guerra. **O Anfíbio**: revista do corpo de fuzileiros navais, Rio de Janeiro, v. 21, n. 20, p. 4-12, 2001. Disponível em: <<http://www.mar.mil.br/cgcfm/downloads/oanfíbio/2001anf.pdf>>

SOFAER, Abraham D.; GOODMAN, Seymour E. **The transnational dimension of cyber crime and terrorism**. Stanford, CA.: Hoover Institution Press, 2001. 292 p.

TUCKER, Jonathan B. Chemical terrorism: assessing threats and responses. In: WORKSHOP ON TERRORISM IN A HIGH-TECH SOCIETY AND MODERN METHODS FOR PREVENTION AND RESPONSE, 2001, Moscow, Russia. **High-impact terrorism:**

proceedings of a Russian-American workshop. Washington, D.C.: National Academy Press, 2002. p. 115-134.

VARGAS, Alexandre. Hacktivismo: ideologia justifica práticas de crimes virtuais? **Módulo Security News - E-Security News**, n. 221, 01 dez. 2001. Disponível em: < http://www.modulo.com.br/arquivoboletins/2k1/msnews_no221.htm >. Acesso em: 14 abr. 2006.

VATIS, Michael A. **Cyber attacks during the war on terrorism:** a predictive analysis, 2001. Disponível em: <http://www.ists.dartmouth.edu/ists/counterterrorism/cyber_attacks.htm>. Acesso em: 10 set. 2006.

VÍDEO mostra Farc ensinando bandidos brasileiros a seqüestrar. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 4 jul. 2005. Disponível em: <http://www.defesanet.com.br/mout/oesp_farc_pcc.htm>. Acesso em: 12 set. 2006.

WITCKER, Ivan. Occidente ante las nuevas tipologías del terrorismo. **Estudios Públicos**, Santiago, Chile, n. 98, otono 2005. Disponível em: < http://www.cepchile.cl/dms/lang_1/doc_3551.html >. Acesso em: 04 jul. 2006.

WOLOSZYN, André Luís. Aspectos gerais e criminais do terrorismo e a situação do Brasil. **Defesa@Net**, ago. 2006. Disponível em: < http://www.defesanet.com.br/docs/aspectos_socio-criminais_do_terrorismo.pdf >. Acesso em: 14 set. 2006.

ZANINI, Fábio. PT discute tipificar crime de terrorismo em reação ao PCC. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 ago. 2006. Disponível em: <http://www.defesanet.com.br/terror/terrorismo_pt.htm>. Acesso em: 15 set. 2006.

* * *
EM DEFESA DO BRASIL

Você sabia?

A Bandeira da Agência Brasileira de Inteligência simboliza o papel de destaque exercido pela Abin - órgão responsável pelo planejamento, execução, coordenação, supervisão e controle das atividades de Inteligência do País.

Uma faixa branca divide horizontalmente a bandeira, cuja cor predominante é o azul-real. Ao centro destaca-se a logomarca da instituição, envolta em um círculo branco, centralizado horizontal e verticalmente.

